

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE LETRAS E ARTES**  
**FACULDADE DE LETRAS**



**A PROBLEMÁTICA DO EMPREGO DO CRIOULO GUINEENSE E A POESIA DE**  
**ODETE SEMEDO**

**CÍNTIA CAMPOS DA ROCHA**

**RIO DE JANEIRO**

**2013**

**CÍNTIA CAMPOS DA ROCHA**

**A PROBLEMÁTICA DO EMPREGO DO CRIOULO GUINEENSE E A POESIA DE  
ODETE SEMEDO**

Monografia submetida à Faculdade de Letras  
da Universidade Federal do Rio de Janeiro,  
como requisito parcial para obtenção do título  
de Bacharel em Letras na habilitação  
Português/Literaturas em língua portuguesa.

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Teresa Salgado Guimarães da Silva

RIO DE JANEIRO

2013

S471

Rocha, Cíntia Campos da.

A problemática do emprego do crioulo guineense e a poesia de Odete Semedo / Cíntia Campos da Rocha – Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.

33 f.

Orientadora: Maria Teresa Salgado Guimarães da Silva.  
Monografia (Graduação) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 32.

1. Semedo, Odete: Crítica – Interpretação. 2. Semedo, Odete: Linguagem. 3. Identidade nacional – Guiné-Bissau. I. Silva, Maria Teresa Salgado Guimarães da. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras. III. Título

CDD GU869.17

Aos meus pais, que tanto admiro.

## **AGRADECIMENTOS**

À minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Teresa Salgado Guimarães da Silva, pelos conselhos sempre úteis, pelo incentivo e por acreditar em mim todo momento. À incrível poetisa Maria Odete Semedo, pelo seu trabalho tão belo que despertou meu interesse e curiosidade com a poesia guineense. À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Moema Parente Augel, por toda sua gentileza, presteza e sabedoria com que me auxiliou neste trabalho.

A todos os autores citados nesse trabalho, sem os quais não conseguiria desenvolvê-lo.

À minha família, parentes e amigos pelo apoio incondicional em todas as horas e por toda compreensão.

NÃO DISSE NADA  
Falei da língua  
Da mímica  
Da letra  
(So)letrei a minha nostalgia  
Lendo pasmado  
Nos olhos desmesurados  
O infinito

Odete Semedo<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> SEMEDO, Odete. *Entre o Ser e o Amar*. 1996. p. 107.

## RESUMO

ROCHA, Cíntia Campos da. *A problemática do emprego do crioulo guineense e a poesia de Odete Semedo*. 2013. 33 f. Monografia (Graduação em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

O crioulo na Guiné-Bissau é a língua da unificação das mais variadas etnias existentes no país. Sendo assim, a presença da língua crioula na Guiné-Bissau é de grande importância, não só para a comunicação, como também para construção do conceito de identidade cultural da população. A língua portuguesa, língua oficial do país, é falada por uma pequena parcela da população, logo, há um dilema entre alguns escritores quanto à publicação de sua obra: usar a língua portuguesa ou investir na publicação em crioulo guineense. Estudando as relações existentes entre a língua crioula na Guiné-Bissau e sua população; a importância que a língua veicular representa para a sociedade guineense e o uso do crioulo em sua forma escrita; chegamos à conclusão de que a melhor maneira para afirmação cultural, e ao mesmo tempo expansão dessa cultura, é através da proposta de uma literatura bilíngue. Uma das que realizam com louvor essa proposta é a poetisa Odete Semedo, quando coloca lado a lado versões de seus poemas em português e em crioulo guineense, contribuindo assim para a divulgação da cultura de seu país, ao mesmo tempo em que se aproxima do leitor linguisticamente e enriquece sua poesia com a incrível sonoridade da língua crioula.

Palavras-chave: Guiné-Bissau; Literatura; Identidade; Língua crioula.

## SUMÁRIO

1.	Introdução .....	7
2.	Língua e identidade nacional .....	10
2.1.	Grupos étnicos .....	10
2.2.	A língua como fator de unificação e identidade nacional .....	11
3.	Crioulo na Guiné-Bissau .....	16
3.1.	Crioulo e <i>pidgin</i> .....	16
3.2.	O guineense e o português .....	17
3.3.	O guineense na escrita .....	20
4.	A língua guineense na obra de Odete Semedo .....	23
4.1.	Odete Semedo .....	23
4.2.	O guineense na poesia de Odete .....	24
4.3.	Língua materna e língua do colonizador .....	28
5.	Conclusão .....	30
6.	REFERÊNCIAS .....	32



## 1. INTRODUÇÃO

A literatura é uma forte ferramenta para se fazer ouvir as vozes comumente caladas. Ela é uma expressão de cultura, é um meio de afirmação e, logo, de identidade de um povo, etnia ou nação.

A Guiné-Bissau é um país de pequena extensão territorial, mas de grande riqueza e complexidade étnica. Diversos grupos étnicos habitam a região – como será visto melhor posteriormente – além de mestiços entre portugueses e guineenses e de haver também uma parcela de cabo-verdianos habitando o país, fato esse que se dá por conta relação existente entre Guiné-Bissau e Cabo Verde desde antes da independência. Guiné-Bissau era uma colônia comercial administrada por Cabo Verde.

A Guiné, desde a chegada dos portugueses em 1444 até 1879, sempre esteve ligada a Cabo Verde, sendo ela, portanto, como designa René Pélissier, “uma colônia de uma colônia”. Conhecida, inicialmente, como Guiné de Cabo Verde, tornou-se um entreposto comercial a serviço do intenso tráfico negreiro que abasteceu de braços escravos a América e as plantações de algodão das ilhas cabo-verdianas. (SECCO, 1999, p. 209).

Os cabo-verdianos eram vistos pela coroa portuguesa como “agentes culturais a serviço da colonização portuguesa”<sup>2</sup> além de ocuparem postos administrativos na Guiné-Bissau. Isso demonstra, no fundo, o descaso da coroa portuguesa com a Guiné-Bissau e explica a falta de investimentos em infraestrutura, como na educação, por exemplo. E essa falta de investimentos de Portugal, naturalmente, retardou o desenvolvimento da colônia como um todo, incluindo também a literatura.

A Guiné-Bissau, sendo um país com uma elevada taxa de analfabetismo, teve o desenvolvimento de sua literatura, de início, basicamente através da oralidade e da transcrição desses materiais, como destaca a professora doutora Carmen Tindó, no terceiro volume da *Antologia do Mar na Poesia Africana de Língua Portuguesa*:

As letras guineenses, em razão dos fatores históricos e sociais já mencionados, apresentaram um desenvolvimento lento e tardio. Em uma colônia, onde as campanhas de alfabetização apenas começaram entre 1948-1958, a literatura, portanto, somente podia existir enquanto voz, constituindo-se de lendas, adivinhas, provérbios passados oralmente pelos mais velhos. A recolha dessas tradições que circulavam em crioulo foi feita

---

<sup>2</sup> SECCO, Carmen Lúcia Tindó Ribeiro. *Antologia do Mar na Poesia Africana de Língua Portuguesa*. Volume 3. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

pela primeira vez pelo Cônego Marcelino Marques de Barros, quando publicou *Litteratura de negros* (1900). Bem mais tarde, após a independência, foram editadas duas coleções sobre a Ilha de *Bolama*: uma de adivinhas (*dibiñas*), intitulada *'N Sta Li 'N Sta La* (1979), e outra de estórias, sob o título *Jumbai* (1979), ambas organizadas por Tereza Montenegro e Carlos Morais. (SECCO, 1999, p. 212).

As tradições orais do contar de histórias estão intimamente ligadas à língua materna, e não à língua portuguesa. A utilização do crioulo em literatura – e em especial em poesia – é uma forma de manter essa tradição oral, além de valorizar a própria cultura.

Podemos pensar também que, com a utilização do crioulo em versos – como nos versos de Odete Semedo, escolhidos para o presente trabalho –, o que temos é uma expressão de um sentimento ou de uma sensação que não podem ser traduzidos efetivamente para o português. Fazendo uma comparação, esse é um grande dilema pelo qual também passam os tradutores. Pode-se pensar a relação entre língua materna e língua oficial como tradução, mas no caso da produção poética, a tradução aqui não seria meramente linguística, traduzindo um termo pelo outro equivalente – mas nunca por um termo igual, e essa é uma questão problemática. Traduzem-se sentimentos, angústias, pensamentos. Nesse ponto, podemos retomar o paralelo com o célebre poema *Autopsicografia*<sup>3</sup>, de Fernando Pessoa.

O poeta é um fingidor.  
Finge tão completamente  
Que chega a fingir que é dor  
A dor que deveras sente.

E os que leem o que escreve,  
Na dor lida sentem bem,  
Não as duas que ele teve,  
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda  
Gira, a entreter a razão,  
Esse comboio de corda  
Que se chama coração.

Fazendo uma brevíssima análise do poema para esclarecer nosso ponto de vista, identificamos no poema de Pessoa três dores: a sentida, a escrita e a lida. Pensando-se no contexto de comunidades multilíngues, como ocorre na Guiné-Bissau, poderíamos inferir mais uma leitura para o poema: imaginando esse processo da linguagem como tradução e

---

<sup>3</sup> PESSOA, F. *Obra Poética* (Organização, introdução e notas de Maria Aliete Dores Galhoz). Rio de Janeiro: Ed. José Aguilar, 1960. p. 164-165.

transcrição, podemos ver o quão distante o poeta vê seus sentimentos no produto final. A dor própria é traduzida e transcrita pelo processo da língua chegando à dor escrita. Mas essa escrita passa pela adaptação de escolha vocabular mais própria da escrita original em língua materna para a língua portuguesa, para só depois passar para o leitor e este ter suas próprias impressões.

Processo: sentimento > transcrição em língua materna > escrita na língua oficial > interpretação do leitor.

Conforme vimos acima, acrescenta-se pelo menos mais um estágio nesse processo. Assim, quão fiel aos sentimentos do poeta seria escrever em língua portuguesa? Será que, em um momento em que se fala em identidade e afirmação nacional, escrever em português seria contraditório? Qual seria, pois, o melhor caminho: escrever em crioulo ou em português, como questiona Odete Semedo?

A partir dessas questões que esse trabalho pretende desenvolver-se, abordando aspectos como cultura, identidade nacional e a importância da língua crioula na sociedade e na formação dessa identidade. Além disso, veremos como o uso da língua portuguesa na Guiné-Bissau, mesmo sendo a língua do colonizador, é de grande importância para a literatura do país.

## 2. LÍNGUA E IDENTIDADE NACIONAL

### 2.1. Grupos étnicos

Através de uma definição bem simplificada, podemos dizer que nação é uma “comunidade de indivíduos que, dispersos em áreas geográficas e políticas diversas, estão unidos por identidade de origem, costumes, religião”<sup>4</sup> podendo ser acrescentada nessa definição a língua também. Há países cujo território abriga mais de uma nação; há nações sem território. No caso da Guiné-Bissau, em um único país há uma variedade de grupos étnicos que se distinguem uns dos outros nas mais variadas formas, como afirma Augel:

A Guiné-Bissau é um país, como quase todos os países africanos, constituído por grupos populacionais de origens diversas. O mosaico étnico da Guiné-Bissau é muito variado, tendo sofrido no correr dos séculos muitas alterações. A migração, as guerras de conquista e a colonização desempenharam um papel importante na redistribuição e no entrecruzamento populacionais.

Apesar da pequena extensão do território, ali vivem dezenas de grupos e subgrupos étnicos muito heterogêneos, com suas culturas próprias, suas línguas, em grande parte muito diferentes umas das outras. Luigi Scantamburlo refere-se a 27 grupos étnicos, mas os autores não são unânimes nessa quantificação, e isso porque há grupos, subgrupos, e os critérios variam bastante. (AUGEL, 2007, p. 76).

Nesses países em que há várias nações, ou grupos étnicos, geralmente se identifica primeiro a diferença entre eles quanto à língua, entretanto, há diferenças em outros aspectos culturais, ideológicos e religiosos também.

A resposta para o que seria exatamente um grupo étnico, em especial no contexto da Guiné-Bissau, pode ser encontrada nas palavras da professora Doutora Moema Parente Augel, em seu livro *O Desafio do Escambo*, obra indispensável para quem pretende estudar e compreender melhor a cultura e a literatura da Guiné-Bissau:

Grupos sociais são qualificados como grupos étnicos quando, além do forte sentimento de pertença que os une numa identidade coletiva, possuem certas características em comum, como a língua, a história, a religião, a mesma cultura, as mesmas tradições. Os grupos étnicos devem ser identificados sobretudo pelos seus suportes culturais. A identidade étnica é associada a um conjunto cultural específico de padrões valorativos. (AUGEL, 2007, p. 200).

---

<sup>4</sup> Definição retirada do Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 3.0.

A questão étnica, sendo motivação para disputa de territórios, motiva também guerras dentro de um mesmo país, o que não é incomum, infelizmente. Isso nos deixa clara a diferença entre os conceitos de etnia e país. A Guiné-Bissau, objeto de nosso estudo, é um país com dezenas de etnias diferentes entre si, o que nos faz pensar se um conceito de identidade singular guineense seria adequado ou até mesmo possível.

Na Guiné-Bissau, observamos um país com menos de 40 mil metros quadrados, habitado por uma grande variedade de grupos étnicos diferenciados. Mas, apesar das diferenças culturais, tradicionais, religiosas e linguísticas, esses grupos, atualmente, convivem entre si de modo pacífico, mesmo que não tenha sido sempre assim no passado. Podemos entender essa harmonia se pensarmos que a ideia de uma construção de um estado nacional sólido, logo após a independência, era contrária aos etnismos. Sendo assim, eles foram combatidos, com a alegação de que sua existência, de certa forma, encorajaria o tribalismo, este perigoso e, por sua vez, contra uma unidade nacional. De fato, a ideia de afirmação e valorização da etnia evoluir para um tribalismo assombra e o combate a esse comportamento de certa forma pode ser entendido como uma amarra que mantém a unidade guineense.

Tribalismo refere-se a uma atitude política existente em muitos países africanos, segundo a qual um grupo étnico privilegia de modo exagerado e excludente o sentimento de pertença étnica e prioriza seus interesses em detrimento dos demais grupos constituintes da unidade nacional. O tribalismo pode provocar guerras fratricidas, como a que ocorreu em Ruanda. (AUGEL, 2007, p. 179).

No pós-independência, era defendida uma postura de nacionalismo, de valorização de uma cultura guineense como um todo, acima de tudo. Então, pode-se entender que essa forte postura de nacionalismo foi responsável pelo “abafamento” dessas vozes étnicas por um bom tempo. Por conta disso, têm-se registros de diversos casamentos interétnicos, o que comprova essa harmonia e a convivência pacífica que há entre as mais variadas etnias na Guiné-Bissau, tendo a formação de uma nação guineense como prioridade, as especificidades em função do geral. Entretanto, não se sabe até quando esta harmonia interétnica irá durar e permanecer pacífica da maneira como está.

## **2.2. A língua como fator de unificação e identidade nacional**

Entendemos por cultura valores morais, tradições, religiões e práticas específicas de um grupo; e todo esse modo de vida com que um grupo se identifica está regido pela linguagem. Assim, temos uma relação muito íntima entre cultura, língua e identidade. Afinal, é sobretudo por meio da língua que a cultura tem o poder de se difundir e através da língua que se dão os processos de identificação.

A língua é um dos meios que o homem tem para expressar seus pensamentos e seus sentimentos, interagindo com o outro e, dessa maneira, transmitindo tudo aquilo que é sentido. É através da língua e da interação entre grupos que vão se difundindo ideias e conceitos, dos mais diversos aos mais específicos. Língua e cultura estão fortemente ligadas. Sendo assim, quando um grupo se empenha na formação de uma identidade nacional de um país, de uma maior valorização dos costumes e da cultura local, empenha-se também na representação disso através da língua.

O conceito de identidade é múltiplo e aplicado em várias disciplinas científicas. Face à heterogeneidade e transdisciplinaridade do conceito e à amplitude e diversidade de sua significação, torna-se difícil uma definição que abarque ao mesmo tempo tantas áreas de conhecimento. A questão identitária é uma constante força propulsora da vida humana e dos esforços de interpretá-la. Essa ideia está contida em uma ampla gama de noções e teorias, como raça e etnia, povo, nação e Estado, pessoa e personalidade, autoestima e autoconsciência, cultura, desenvolvimento. (AUGEL, 2007, p. 234).

Segundo Augel, obter uma definição de identidade pura e simples seria tolher o termo e ignorar suas ramificações de sentidos nas mais diversas áreas e nos diferentes aspectos que o termo identidade chama para si; porém, para um entendimento melhor, faz-se necessária uma simplificação que consiga abordar características gerais. Podemos ver isso logo abaixo:

Procurando uma definição o mais abrangente possível, pode-se dizer que a identidade é um processo de construção e de contínua revisão da imagem de si mesmo, processo esse que está no ponto de interseção entre a biografia individual e a interação social, passível tanto de influências pessoais como do meio social e cultural. (METZLER *apud* AUGEL, 2007, p. 234)<sup>5</sup>.

Pensando esse conceito de identidade no âmbito de uma nação, temos um longo processo de “revisão da imagem de si mesmo”, que vem desde o início da colonização, com a interação com o colonizador, e continua em desenvolvimento contínuo, interagindo agora as etnias entre si. Essa identidade que se desenvolve, agrega e retira elementos está lado a lado

---

<sup>5</sup> METZLER, *Lexikon Literatur*, 2001, p. 267.

com as manifestações culturais, que se desenvolve da mesma forma, assim como a língua também.

Em países colonizados, observamos o desenvolvimento de uma cultura local, que carrega consigo elementos da metrópole, porém agregados a elementos específicos das etnias locais, que vão se unindo a outros mais e constituindo assim sempre uma cultura nova e própria.

Quanto à língua, o idioma do colonizador, nesse contexto, seria um dos principais elementos da metrópole a agregar-se com o local. A metrópole impõe sua língua como meio de comunicação principal e, a partir daí, a língua torna-se uma ponte que serve de ligação e é a união entre diversas etnias distintas. Isso não é uma regra, não é preciso ir muito longe para ver que ex-colônias diferentes têm uma história linguística diferente. No Brasil, temos que as nações indígenas foram dizimadas e muito de suas culturas se perdeu. O massacre português abafou quase por completo costumes, religiões e idiomas dos nativos. Mas o mesmo não se pode dizer de alguns países africanos. Apesar de a presença do colonizador ser também trágica e devastadora em diversas áreas, em diferentes proporções, no campo linguístico, em específico, ainda permanece uma rica variedade de línguas étnicas.

Em alguns casos, essas diferentes etnias se unem através de uma língua comum, a língua portuguesa, como podemos observar em Angola, por exemplo. Mesmo com também uma variedade de línguas étnicas, o português é a língua da unificação nos centros urbanos. Um caso muito diferente se observa na Guiné-Bissau. A língua portuguesa possui um número muito restrito de falantes, e é a língua guineense que desempenha o papel de unificação dos grupos étnicos, sem diminuir a força e a presença viva das línguas étnicas.

É oportuno fazer uma pequena digressão a respeito da escolha do termo “guineense”, ou “língua guineense”, em vez de crioulo, ou crioulo da Guiné-Bissau, ressaltando as palavras do linguista italiano Luigi Scantamburlo no prefácio de seu *Dicionário do Guineense Volume II*:

A escolha do nome **Guineense** [grifo do autor] para designar a língua crioula da Guiné-Bissau, termo já utilizado por Marcelino Marques de Barros em 1897, ajudará a respeitar melhor o estatuto desta língua, verdadeiramente nacional, veicular e interétnica, e a evitar a conotação depreciativa que o termo crioulo tem ainda no país e no mundo. A língua é produto e veículo de cultura, entendendo por cultura tudo aquilo que faz viver do ponto de vista psicológico, intelectual, espiritual e material uma pessoa humana específica num ambiente específico: o apoio a uma língua é muito importante, do ponto de vista político, para o desenvolvimento ou o desaparecimento de uma cultura. (SCANTAMBURLO, 1999, p. 6).

Voltando ao assunto, a língua guineense tomou para si a responsabilidade e a aura de unificação que a língua portuguesa “deveria” ter. É o guineense com que os povos da Guiné-Bissau se identificam, ou melhor, se comunicam uns com os outros; essa é a língua materna de boa parte da população urbana e é a língua que se utiliza quando a intenção é buscar a atenção da população. Dessa maneira, podemos pensar na Guiné-Bissau como um país independente, com sua língua própria – mesmo que seja multilíngue na prática –, mas que se vê preso a um idioma oficial que não é de seu povo, com que não se identifica, e que só uma pequena parcela da população – a elite – domina de fato.

Tomando-se todos esses elementos, podemos pensar identidade nacional em Guiné-Bissau como um processo complexo, que perpassa por várias dificuldades, por conta das múltiplas etnias. Deixo claro aqui meu posicionamento de que a multiplicidade étnica não é um ponto negativo, muito pelo contrário, é ainda mais enriquecedor da cultura guineense.

Augel, abaixo, esclarece-nos a relação entre cultura e identidade nacional no contexto da Guiné-Bissau e aponta a importância da língua guineense nesse panorama:

[...] para falar de nação, nacionalismo e identidade nacional da Guiné-Bissau, o estudioso vê-se confrontado com uma série de dificuldades. Em geral, são tomados como elementos indicadores da constituição da nação a língua comum, a mesma religião, traços semelhantes da cultura e da tradição; tudo isso é disseminado em fragmentos de um mosaico multiforme, desenhado pelas muitas etnias do país. Por outro lado, o Estado, envolto em sucessivas e quase ininterruptas crises, não está em condição de exercer uma força aglutinadora ou de oferecer atrativos político-econômicos bastante fortes para constituir uma entidade que garanta o bem-estar dos seus cidadãos, como sucedeu durante os anos de luta contra o colonialismo.

Se é verdade que a língua comum é um dos elementos geralmente considerados como fortalecedores do sentido de pertença nacional, este é justamente um dos fatores de insegurança ou indeterminação para a autoidentificação do guineense. Para grande parte da população não é possível falar-se de uma “língua materna” comum, sobretudo nas aldeias (o que significa: para a grande maioria da população), uma vez que à multiplicidade de grupos étnicos corresponde uma multiplicidade de idiomas. [...] O crioulo – a língua guineense – como língua veicular quase generalizada, hoje de fato falado pela maioria da população, pelo menos como língua segunda ou terceira, constitui sem dúvida um elemento aglutinador e de identificação, mas se trata, na sua atual abrangência, de um fenômeno recente, de cerca de quarenta anos, e seu domínio se concentra sobretudo na capital e nos demais centros urbanos. (AUGEL, 2007, p. 278-279).

Vemos que em um país com tamanha e rica diversidade como a Guiné-Bissau, o conceito de identidade é complexo de ser estudado, e a identidade cultural e nacional baseada



em um só idioma ou em uma cultura apenas é uma utopia. A identidade nacional guineense não é uma, mas várias, e pode ser mais bem referenciada como identidades nacionais, no plural.

No tópico a seguir do presente trabalho podemos ver com mais detalhes a relação estabelecida entre a língua guineense e o português, língua oficial, e como esses idiomas normalmente aparecem na sociedade guineense, desde as relações interacionais mais simples até as publicações editoriais.

### 3. CRIOULO NA GUINÉ-BISSAU

#### 3.1. Crioulo e *pidgin*

Reconheço que uma pergunta me perseguiu – e imagino que aconteça o mesmo com outros estudantes – durante os estudos de poesia e ficção africanas; foi a seguinte: “o que é uma língua crioula e como esta se forma?”. Segundo o dicionário eletrônico *Houaiss da língua portuguesa*, crioulo, na rubrica linguística, “diz-se de ou cada uma das línguas mistas nascidas do contato de um idioma europeu com línguas nativas, ou importadas, e que se tornaram línguas maternas de certas comunidades socioculturais”. Ou seja, há uma mistura entre uma língua europeia base – no caso deste estudo, o português – e as línguas nativas locais. Com essa definição, podemos inferir que a língua crioula provém primordialmente de um *pidgin*, língua de contato que serve como meio de comunicação entre falantes de idiomas diferentes sem que se tenha conhecimento efetivamente sobre todos os idiomas envolvidos. O *pidgin* nasce de uma necessidade de comunicação, transpondo a impossibilidade imposta pela barreira do idioma. No processo de colonização das Américas e da África, o *pidgin* apareceu como um primeiro contato entre colonizados e colonizadores. A partir daí o vocabulário se expande, a gramaticalização vai se tornando complexa e a interação nessa sociedade utilizando esse artifício linguístico aumenta, a ponto de as crianças crescerem ouvindo esse tipo de comunicação o tempo todo, assimilando pouco a pouco até que as gerações próximas começam a crescer com essa língua como primeira. Todo esse processo, desde o aparecimento do *pidgin* até a formação de uma língua natural, chama-se criouliização.

As características de um *pidgin* são esclarecidas pelo doutor e sociolinguista José Lemos Monteiro, abaixo:

É importante anotar com Hudson (1984) que, embora possa ser denominado de língua comercial, nem todo *pidgin* se restringe ao uso de trocas comerciais e a recíproca também não é verdadeira, uma vez que a língua de alguma comunidade da área pode ser usada pelos demais grupos para efeito de comércio.

Como característica essencial, o *pidgin* não tem falantes nativos: jamais é uma língua materna de alguém, sendo apenas uma língua de contato. Ou seja, é o produto de uma situação de multilinguismo, em que as pessoas que desejam comunicar-se, sem ter uma língua comum, devem improvisar um código bastante simplificado para essa finalidade. Por isso, em geral o *pidgin* é visto como uma variedade reduzida de uma dada língua normal, com

minimização de sua gramática, variações fonológicas e mistura do vocabulário. (HUDSON *apud* MONTEIRO, 2010, p. 63).

Então, podemos afirmar que a língua crioula claramente não é um *pidgin* ou um dialeto. O crioulo é uma língua com falantes que a possuem como sua língua materna. Já sobre o surgimento de uma língua crioula, a doutora Marilza de Oliveira assinala:

Os crioulos são tidos como línguas mais simples, o que quer que se entenda por simplicidade linguística. A simplificação do crioulo decorre da simplificação inerente ao processo de aquisição de uma língua como L2. A semelhança entre os crioulos deriva, nessa perspectiva, de propriedades universais relacionadas com o processo de aquisição linguística. O crioulo resulta da cristalização de algum estágio na sequência desenvolvimental devido à deficiência no acesso à língua-alvo.

Dentro da teoria da aquisição de L1, o crioulo é resultado da exposição da criança aos dados do *pidgin*. As suas capacidades inatas transformam o input (*pidgin*) recebido de seus pais em língua natural, o crioulo. As línguas crioulas são similares devido ao caráter universal da capacidade linguística inata e são simples porque refletem as estruturas linguísticas mais básicas. (OLIVEIRA, 2005, p. 4).

Reiterando as palavras tanto de Monteiro como de Oliveira, a diferença entre o crioulo e o *pidgin* é basicamente que o crioulo é uma evolução do *pidgin*, muito mais amplo e muito mais complexo que o artifício linguístico original. E, principalmente, o crioulo não é um uma língua simplificada para comunicação; ele é língua materna em determinadas regiões dentro de um mesmo país.

### **3.2. O guineense e o português**

Aplicando as definições e os dados expostos no tópico anterior, no contexto da Guiné-Bissau temos que o crioulo guineense surgiu como uma língua intermediária entre as diferentes línguas locais e a língua oficial no país, o português. Esse idioma de transição era uma mistura dos idiomas falados na Guiné-Bissau, tendo o português como a língua base, tomando emprestado das diversas outras línguas nativas elementos linguísticos, sintáticos e semânticos, compondo um idioma complexo e novo.

Sobre a formação do guineense, o linguista italiano Luigi Scantamburlo faz o seguinte esclarecimento no prefácio de seu *Dicionário do Guineense Volume II*:

As línguas são criadas pelos seres humanos: cada palavra é falada no início por um indivíduo ou um grupo limitado de indivíduos, é aceita pelos outros e entra no sistema linguístico, adaptada às regras já existentes ou iniciando um processo de modificações. O importante é que a nova palavra tenha ligação com “a coisa ou o sentido” e concorde com o sistema. O Guineense é uma língua entendida e falada por um povo multilíngue, composto de várias etnias, cada uma com a própria língua. (SCANTAMBURLO, op. cit., p. 6).

São diversos os idiomas falados na Guiné. Segundo Augel (2007, p. 78), são vinte e sete as línguas étnicas e, dentre elas, as mais faladas são o balanta, o fula, o mandinga, o mandjaco, o pepel, o beafada, o bijagó, o mancanha, o felupe, o nalu. Entretanto, o crioulo, ou língua guineense – como preferem autores como Luigi Scantamburlo e Moema Parente Augel –, é o idioma dos centros urbanos, é a língua veicular de maior prestígio na Guiné-Bissau. Mesmo não sendo a língua materna da população em geral, é a primeira língua de uma parte considerável da população e a segunda língua da maioria, diferentemente da língua oficial, português, em que menos de 10% da população consegue se comunicar.

O português, embora língua oficial do país, não é uma língua corrente entre os guineenses, uma vez que se estima em menos de dez por cento o número dos falantes desse idioma na Guiné-Bissau. (AUGEL, 2007, p. 79).

Embora apenas uma pequena parcela da população seja falante do português, ainda é sinônimo de prestígio o domínio do idioma oficial. E, em certas proporções, os falantes do crioulo guineense têm esse mesmo prestígio social, uma vez que há uma dicotomização entre o centro urbano burguês e as aldeias em que se mantêm de certa forma as tradições e as línguas étnicas. A distância entre o rural e o urbano se manifesta de diversas formas: no meio de vida, na religião, na cultura etc. Contudo, para nosso estudo, é a marca linguística que mais chama a atenção e os distancia, fazendo com que em um único país pareça existir outros vários. Sobre isso comenta Augel:

O grupo crioulo é, sem dúvida, o mais influente, o mais “moderno” e ocidentalizado, o mais assimilado aos hábitos introduzidos pelo poder colonial, e é entre eles que se vai encontrar a magra percentagem dos falantes do português. A sociedade crioula vive na capital ou nos centros urbanos, seus membros são geralmente cristãos, mais escolarizados, e sempre foram, política e economicamente, os mais ligados ao setor estatal. Embora não seja uma questão que tenha merecido até agora um debate muito amplo, entre os menos letrados existe um receio de o crioulo, ou língua guineense, sendo um idioma falado por pertencentes a uma cultura urbana, própria da camada hegemônica do país, poder abafar as demais línguas

étnicas, com ameaça de um empobrecimento cultural, além de, com isso, desenvolver-se um flagrante juízo negativo de valor, taxando-se as línguas étnicas (e suas culturas) como não civilizadas, desqualificando seus falantes como indivíduos de segunda classe. Assim, as marcas de pertencimento grupal e o pouco grau de criouliização poderiam prejudicar a ascensão social dos indivíduos. (AUGEL, 2007, p. 81).

O uso da língua portuguesa, de fato, está muito concentrado em uma pequena parcela da população guineense e, ainda sim, não está ligado às relações interacionais do dia a dia. O papel da língua oficial nesse contexto acaba se limitando a documentos oficiais, situações que exigem uma maior formalidade e na escrita, principalmente.

Independente das questões que uma variedade linguística possa levantar atualmente, temos que o crioulo na época colonial era um idioma “menor”, considerado apenas um dialeto africano e, dessa forma, era proibido o seu ensino. Daí, podemos supor como o crioulo era um idioma marginalizado e nunca de fato reconhecido como uma língua legítima. A língua guineense teve um destaque maior através das lutas pela independência. O crioulo foi a língua utilizada para os revolucionários passarem informações, propagarem seus ideais à população e para a comunicação entre si. Assim, com o uso do idioma dessa maneira, para a comunicação entre si e para repassar discurso de ordem revolucionária, utilizando-se palavras e termos da própria Guiné-Bissau, e não do colonizador, o crioulo foi evidentemente associado a uma imagem de uma nacionalidade, de identidade nacional.

Hoje em dia, é cada vez maior a incidência de falantes do crioulo como primeira – e mesmo única – língua, sobretudo entre os mais jovens, nos centros urbanos. E como segunda língua (falada depois da língua autóctone), a percentagem eleva-se, nos centros urbanos, aos noventa por cento ou mais. Na “praça”, a pertença étnica se dilui, e grande parte das crianças e dos jovens das cidades desconhecem as línguas ancestrais, não chegam nem mesmo a aprender o português, tendo o crioulo como seu único meio de expressão. Apesar de tudo, há, entretanto, uma certa situação de ambiguidade, uma vez que continua a não ser a língua de ensino nas escolas. A primazia da língua guineense não significa monolingüismo, e é sempre bom lembrar que o crioulo é a língua urbana da Guiné-Bissau, enquanto nas zonas rurais continua viva a língua localmente predominante, sendo comum os falantes políglotas, dominando três, quatro idiomas africanos. (AUGEL, 2007, p. 84).

Podemos ver, de acordo com Augel, que o português não é, na prática, a língua da Guiné-Bissau. O português é a língua da formalidade, dos documentos, dos registros. A língua falada e viva, a língua veicular das cidades, o crioulo, é, de fato, a língua da população, sendo língua primeira ou segunda. Mas, ainda sim, não podemos esquecer nunca as línguas

autóctones, que sobrevivem principalmente nas áreas rurais e, com isso, enriquecem o panorama linguístico do país.

### 3.3. O guineense na escrita

Por ser uma língua não ensinada nas escolas, e de base oral, o crioulo guineense não tem um sistema de escrita definitivo, o que torna muito difícil o trabalho de edição e publicação em língua guineense, por exemplo. Há uma certa incerteza quanto à forma de grafia, por não haver uma ortografia oficial, além de diversas variações de uma mesma palavra, não se chegando a um consenso.

As publicações do INEP, de modo geral, inclusive a da Série Literária (Coleção Kibur), assim como as da Ku Si Mon Editora, procuraram uma coerência no campo da escrita. Mas, como a codificação gráfica da língua guineense até agora não conseguiu alcançar um consenso por parte de todos os autores, alguns preferem não abrir mão de certos usos já consagrados, e essa desvantajosa imprecisão e enorme flutuação ainda perduram, constituindo reais entraves para a expansão do crioulo na expressão escrita. (AUGEL, 2007, p. 90).

A falta de uma uniformização na escrita é um problema na hora de se publicar uma obra em guineense, mas, sem dúvida, um outro ponto que chama a atenção negativamente para uma produção editorial guineense é a alta taxa de analfabetismo da população e um número muito restrito de leitores propriamente dito. Entre esses poucos que leem de fato, estão os que tranquilamente poderiam ler – e leem – publicações em português, porque certamente são letrados e bem capacitados para isto.

A Guiné-Bissau, um país com uma superfície habitável de 28.000 quilômetros quadrados, com uma população de apenas cerca de um milhão e meio de indivíduos, saiu da colonização com uma taxa de analfabetismo de quase cem por cento (e ainda hoje essa taxa quase alcança os sessenta por cento), com uma diversidade e complexidade étnica e linguística que, se não impedem propriamente a comunicação, podem ameaçar entrar a coesão. (AUGEL, 2007, p. 27-28).

No pós-independência, a taxa de analfabetismo atingia quase toda a população. Esse índice caiu bastante, mas ainda sim há uma porcentagem elevada de indivíduos que não sabem ler e escrever. O português é a língua ensinada nas escolas, é a língua na qual são

alfabetizados. Entretanto, essa poderia ser uma porta de entrada para uma possível inserção do guineense nas escolas e, conseqüentemente, padronização do guineense na escrita.

A taxa de analfabetismo é, sem dúvida, um problema também para a difusão da língua guineense também como língua escrita.

Nesse contexto delicado, diante dos inúmeros fatores que formam obstáculos para as publicações em língua guineense, a literatura é de fundamental importância para afirmação da língua e do povo como identidade nacional.

Mesmo tendo consciência de que a influência exercida pelas letras não representa um fator muito relevante num país com alto nível de analfabetismo como a Guiné-Bissau, onde o hábito de leitura não é cultivado senão por uma frágil minoria, a literatura que se está fazendo hoje na Guiné-Bissau constitui, sem dúvida, um dos poucos veículos, e por isso indispensável, para a demarcação, inclusive dos contornos emocionais, do território dessa comunidade de pensamento e de afetos, para o balizamento das margens de representação manifestadas em função da construção da nacionalidade. (AUGEL, 2007, p. 25).

O que se vê é que a pluralidade de formas escritas do guineense tem seu lado rico, mas também acaba atrapalhando a expansão e difusão do idioma pelo meio da escrita, uma vez que as publicações acabam sendo limitadas ou imprecisas, por conta das variadas formas de se transcrever uma mesma palavra em guineense.

Ainda sim, chama atenção a presença do crioulo em alguns títulos de publicações, lojas, etc., mas, mais ainda, em algumas obras literárias em que têm como objetivo focar o pertencimento, a identidade de um povo e a oralidade da língua. Sobre a veiculação da língua guineense de forma escrita, Augel nos chama a atenção para outros pontos interessantes:

Apesar das dúvidas a respeito da codificação da escrita, existem algumas obras publicadas em guineense, entre elas, sobretudo, trabalhos envolvendo a tradição oral ou publicações de cunho religioso. Também folhetos com informações utilitárias, por exemplo sobre questões sanitárias e médicas (campanhas de saúde de base, esclarecedoras quanto à SIDA ou AIDS ou de prevenção ao cólera), da mesma forma os folhetos de propaganda eleitoral que pretendem alcançar um público mais amplo, são apresentados hoje em dia quase sempre nesse idioma. Parece-me que o crioulo é usado, por parte das instituições, sempre que existe um interesse maior em alcançar o povo e fazer-se ouvir. (2007, p. 87).

Então, o guineense é sempre a língua procurada quando a intenção é alcançar um público maior, quando se tem o objetivo de se aproximar da população, falar diretamente a ela e fazer com que se identifiquem. A partir daí, podemos entender também que o uso do

guineense em literatura – seja em uma obra completa, um poema completo ou apenas com algumas expressões intercaladas em um texto em português – está ligado a essa intenção de aproximação com o leitor. O fato de o guineense ser uma língua predominantemente oral a torna maleável, mutável, e muito propícia para a poesia, uma vez que a sonoridade, rica e de extrema importância no idioma, trabalha completamente a favor da poesia.

Para a maioria dos que têm o crioulo como primeira língua, por melhor que dominem o português ou o francês, a expressão aí é diferente, é mais colorida, mais maleável e mais espontânea, mais próxima do íntimo dos produtores textuais e dos receptores. Mesmo aspirando à universalidade, a aproximação do linguajar cotidiano, através da língua materna, confere ao texto crioulo uma grande força telúrica da qual emanam originalidade e autenticidade.

É laborioso tanto para quem escreve como para quem lê, fazê-lo num sistema que não está ainda inteiramente codificado e no exercício do qual não se tem ainda quase nenhuma prática. Para quem parte do português como norma, o fluxo de leitura, voltando-se para aquilo com o qual se está mais acostumado, o português. Mas é imprescindível que se multipliquem as publicações e se uniformize o quanto antes a escrita. (AUGEL, 2007, p. 91-92).

Ler e principalmente escrever em um idioma com que não se identifica, no caso do português, pode ser problemático. A poetisa Odete Semedo faz muito bem essa reflexão em sua obra e é o que estudaremos a seguir.



## 4. A LÍNGUA GUINEENSE NA OBRA DE ODETE SEMEDO

### 4.1. Odete Semedo

Maria Odete da Costa Semedo, nascida em sete de Novembro de 1959, é natural de Bissau, capital da ex-colônia portuguesa, Guiné-Bissau. Odete é Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas, formada pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (1989/1990). A escritora possui também formação em Ciências da Educação e tem Doutorado em Letras na PUC de Minas Gerais. Odete Semedo exerceu o cargo de Ministra da Educação e de Ministra da Saúde e foi Presidente da Comissão Nacional para a UNESCO. Foi, ainda, professora da Escola Normal Superior “Tchico Té” e professora colaboradora da Universidade Colinas de Boé em Bissau.

Quanto às suas publicações, Odete também foi cofundadora da *Revista de Letras, Artes e Cultura Tcholona* – ao lado de Moema Parente Augel, Abdulai Sila, Tony Tcheka, Félix Sigá, entre outros – e publicou diversas obras, entre as quais se destacam: *Entre o Ser e o Amar*, livro de poesia, de 1996; *SONÉÁ histórias e “passadas” que ouvi contar*, livro de contos, publicado no ano de 2000; *DJÊNIA histórias e “passadas” que ouvi contar II*, livro de contos, de 2000 e *No Fundo do Canto*, livro de poesia, do ano de 2003.<sup>6</sup>

Nas palavras de Augel, Odete Semedo é definida como:

“Quem sou eu?”, pergunta-se Odete Semedo, desdobrando suas múltiplas identidades: mulher moderna, intelectual poliversada, alta funcionária e mais de uma vez ocupando uma pasta ministerial, mas mulher também completamente presa às raízes profundas e múltiplas de sua terra natal, suas crenças e tradições, ligada à família, aos antepassados e a seus mitos. A Odete poetisa solta-se em sobrevoos numa viagem ao interior de si mesma, fazendo do espaço poético o topos do “gosto de dizer / sem reprimir” [...], onde deixa aflorar o íntimo de seus sentimentos. (AUGEL, 2007, p. 238).

A poesia de Odete Semedo é marcada pela inquietude, refletindo sobre as decepções e desilusões de um pós-independência que não foi o idealizado. Também são os alvos da poesia de Odete as questões a respeito da busca por uma identidade nacional. Dentro desse último aspecto também se encontra, naturalmente, a questão da língua, inclusive tendo como título de um dos seus poemas a indagação: *Em que língua escrever?* A variedade linguística da Guiné-

<sup>6</sup> Informações retiradas do site *Projecto Guiné-Bissau Contributo* <<http://www.didinho.org/ODETESEMEDOBIOGRAFIA.htm>>. Acesso em 25 out 2013.

Bissau e a relação do povo com as línguas étnicas, maternas, e o português, língua oficial, é uma profunda e interessante questão no trabalho de Odete Semedo. Embora a pergunta trazida no título de um dos mais conhecidos poemas de Odete não seja, de fato, resolvida, fica para todos nós uma bela reflexão a respeito da relação língua e identidade cultural.

Os poemas de Odete Semedo escritos em português e em guineense exemplificam a relação conflituosa entre língua materna e a língua do colonizador. Como e por que se dá essa escolha pela língua guineense dentro da poesia de Odete é o próximo ponto do presente trabalho.

#### 4.2. O guineense na poesia de Odete

Como visto anteriormente, a questão do crioulo na África, em especial na Guiné-Bissau, tem uma grande expressão e é um dos pontos de maior importância tanto na sociedade quanto nas literaturas africanas. O crioulo está presente no cotidiano, nas interações familiares e informais, em concomitância com o português, a língua oficial.

Dessa forma, o povo vive uma realidade em que se expressa e se vê o contraste entre língua materna e língua do colonizador a todo o momento. E esse contraste aparece na escrita, fazendo-nos pensar a língua quanto aos limites, à forma e à emoção. Limites e forma aqui dizem respeito à escrita poética em si. Escrever em um idioma que não a língua materna é sempre um dilema. As rimas e as sonoridades nunca são exatamente as mesmas e não têm o mesmo significado que a língua primeira para os que a adquirem como segunda língua.

Sendo assim, escrever em uma segunda língua é uma forma limitada de fazê-lo e dessa maneira há um dilema quanto à expressão de sentimentos próprios e específicos, em como expressá-los na língua oficial do país, na língua do colonizador, sem perder suas características intrínsecas, ou seja, a forma como essa tradução de sentimentos será feita.

Maria Nazareth Soares Fonseca, no artigo intitulado *Em que língua escrever? A língua e seus conflitos na literatura da Guiné-Bissau*<sup>7</sup> sintetiza a ideia e a discussão proposta pelo poema citado acima, de Odete Semedo:

As indagações que atravessam o poema de Semedo expressam os impasses que se põem entre falar crioulo, a língua de identificação nacional, o idioma em que se expressam os afetos e a intimidade, e escrever em português, a língua oficial do país. (FONSECA, 2011, p. 74).

<sup>7</sup> Artigo publicado no livro *Literaturas da Guiné-Bissau: cantando os escritos da história*. Porto, 2011.

Tomando como objeto de estudo o próprio poema em si, veremos com mais detalhes o conflito entre o escrever em língua guineense e escrever na língua oficial do país.

Em que língua escrever  
As declarações de amor?  
Em que língua cantar  
As histórias que ouvi contar

Nesta primeira estrofe do poema há a dúvida sobre como escrever sobre os sentimentos mais íntimos, envolvendo algo tão complexo quanto o amor, e também sobre como repassar as tradições culturais do país. *Em que língua escrever / As declarações de amor?* Esses versos retratam a dúvida sobre como conseguir expressar os sentimentos de um modo mais adequado, sem que haja certa traição ao fazê-lo. *Em que língua cantar / As histórias que ouvi contar* invariavelmente nos remete à tradição oral das culturas africanas, em que as histórias eram passadas de geração a geração através do cantar e contar histórias. Sem dúvida, *As histórias que ouvi contar* estariam mais bem contadas em sua língua original, de modo que não haveria nenhuma perda tanto semântica quanto fonética, muito menos haveria perda quanto à emoção.

A língua do povo, nesse caso o crioulo guineense, está ligada a essa emoção, à expressão máxima dos sentimentos sem perda de sentido. Há sentimentos e emoções que não podem ou que não se consegue expressar propriamente na língua do colonizador. E é por isso que a dúvida do eu lírico prossegue nos versos seguintes:

Em que língua escrever  
Contando os feitos das mulheres  
E dos homens do meu chão?  
Como falar dos velhos  
Das passadas e cantigas?  
Falarei em crioulo?  
Falarei em crioulo!  
Mas que sinais deixar  
Aos netos deste século?

Nesses versos observamos o desejo de escrever e contar a história do povo, deixar um registro escrito de suas crenças, tradições, feitos, um registro do que era, geralmente, passado entre gerações oralmente: *Em que língua escrever / Contando os feitos das mulheres / E dos homens do meu chão? / Como falar dos velhos / Das passadas e cantigas?* E a intenção

inicial é que esse registro seja feito em crioulo, mantendo-se o mais firme possível à suas raízes: *Falarei em crioulo? / Falarei em crioulo!*

Entretanto, o eu lírico volta à dúvida original, título do poema, sobre qual língua usar para relatar os feitos passados do povo guineense nos versos seguintes: *Mas que sinais deixar / Aos netos deste século?* A ideia que se tem é que a língua portuguesa é o espaço para o exterior e, possivelmente, para o futuro. Seria um “gritar mais alto”, atingindo um público maior.

Ou terei que falar  
Nesta língua lusa  
E eu sem arte nem musa  
Mas assim terei palavras para deixar  
Aos herdeiros do nosso século  
Em crioulo gritarei  
A minha mensagem  
Que de boca em boca  
Fará a sua viagem

Os versos acima retomam a ideia do uso do português na escrita estar ligado a deixar um legado para as gerações futuras e até mesmo para vencer os limites geográficos e ter sua mensagem difundida também para outros povos que tenham acesso ao idioma lusitano. *Ou terei que falar / Nesta língua lusa / E eu sem arte nem musa / Mas assim terei palavras para deixar / Aos herdeiros do nosso século.* Para aqueles que virão em gerações futuras ficará escrito em *língua lusa* os feitos do povo guineense, os sentimentos de uma guineense, mesmo que essa escrita seja *sem arte nem musa*, ou seja, sem o engenho (inspiração) e a arte (técnica) dos quais Camões se referia n’Os Lusíadas, canto I: *Cantando espalharei por toda a parte, / Se a tanto me ajudar o engenho e arte.*

Interessante observar que, mesmo que haja intenção de deixar um registro escrito, em *língua lusa* inclusive, há uma intenção, talvez ainda mais forte, de fortalecer as tradições da terra: *Em crioulo gritarei / A minha mensagem / Que de boca em boca / Fará sua viagem.* Enquanto a língua portuguesa é sempre ligada aos registros escritos, relacionada às palavras *escrever, sinais, palavra, recado, pergaminho*; o crioulo é totalmente ligado à oralidade, como se observa com o uso das seguintes palavras: *declarações, contar, cantar, falarei, cantigas e gritarei.* Inclusive o verbo gritar afirma a língua crioula como uma característica forte do povo. E este não vai nem deve se calar. Ao mesmo tempo em que há o desejo de deixar registrada a mensagem em português para as gerações futuras, deseja-se que essa

mesma mensagem seja passada também em crioulo, escrito – como é de fato no poema bilíngue – falado, gritado, passado *de boca em boca*, como nas antigas tradições africanas.

E dessa forma a mensagem será passada adiante e viajará tanto para além dos limites físicos, além de Guiné-Bissau, quanto para além dos limites temporais, chegando a outras gerações.

Deixarei o recado  
Num pergaminho  
Nesta língua lusa  
Que mal entendo

E ao longo dos séculos  
No caminho da vida  
Os netos e herdeiros  
Saberão quem fomos

Com esses últimos versos, o poema se encerra, chegando a uma possível conclusão para a indecisão inicial, *Em que língua escrever?* Odete opta por escrever um poema bilíngue – em português e também em crioulo guineense –, deixando, dessa forma, registrada para gerações futuras a rica tradição de um povo.

Voltando à questão da emoção ligada à língua crioula, o que se observa é que certas vezes acaba soando como uma traição, certo paradoxo para os povos africanos falarem sobre seus sentimentos, sobre a opressão da colonização, utilizando-se da língua dos colonizadores, daqueles que tanto os oprimiram no passado.

O poema abaixo mostra um pouco mais sobre esse dilema entre o uso da língua portuguesa e o crioulo; mostra como a língua do colonizador, às vezes, não é capaz de abranger os sentimentos a serem expostos pelo poeta.

Analisando o poema, vemos que o eu lírico se encontra em grande sofrimento e não sabe como exatamente expressar esses sentimentos com palavras. *Que palavras / poderão espelhar este desaire.* As palavras que foram ensinadas parecem não se encaixar e, dessa forma, não têm como refletir a dor sentida.

Ensinaram-me  
que as letras  
que as palavras  
traduzem  
reproduzem  
encantam  
contam

pensamentos  
 intentos  
 devaneios  
 e sonhos

A língua é ensinada como forma de traduzir o pensamento. As letras, as palavras representam o que se quer falar, dizer; elas *contam / pensamentos / intentos / devaneios / e sonhos*.

Para tanta aflição expressar  
 esta dor queimando  
 a minha alma  
 o nosso infortúnio  
 Este punhal...  
 cravado no meu chão  
 maldição de que deuses  
 para dilacerar  
 as estranhas da gente?  
 como aplacar tanta  
 e tamanha dor  
 ninguém me desvendou  
 tal segredo.

Contudo, as palavras, as letras aprendidas na escola não conseguem traduzir o sentimento, no caso específico, a dor que o eu lírico sente no momento. O *abc* que lhe foi ensinado, *as letras e sílabas / sentenças e provérbios / ditos e cantigas* não dão conta de expressar *esta dor queimando / a minha alma*.

É possível essa leitura do poema de Odete Semedo, abordando a língua portuguesa como incapaz de abranger os sentimentos necessários à expressão do eu lírico, uma vez que o *abc, as letras e as sílabas* nos remetem ao ensino escolar. A língua portuguesa era, e é, a língua presente nas instituições de ensino; logo, nesse poema temos a língua portuguesa como tradutora dos sentimentos de dor e perda do povo da Guiné-Bissau, dores essas provocadas pela guerra e pela violência que talvez não acontecessem daquela maneira se não fosse pela própria colonização portuguesa.

### 4.3. Língua materna e língua do colonizador

Esse dilema entre o uso do português e o uso da língua crioula é um tema de grande importância na Guiné-Bissau e já se apresentava, também, com suas respectivas

especificidades, em outros espaços africanos de língua oficial portuguesa, como em Angola e Cabo Verde, em que é possível entender essa estratégia de escrever o poema com algumas palavras em crioulo como uma forma de afirmação, de introduzir a oralidade nos poemas e, conseqüentemente, aproximar o leitor da realidade de sua própria terra.

De modo diferente é a questão do crioulo em Guiné-Bissau. O crioulo não aparece nos poemas de Odete Semedo para fazer essa ponte de aproximação entre fala e escrita. O uso do crioulo se dá por este ser *a língua do sentimento*.

Maria Nazareth Soares Fonseca, novamente, fala sobre essa importância do crioulo guineense na literatura, como forma de aproximação do cotidiano:

O poema “Em que língua escrever” (Na kal lingu ke n na skirbi nel), de Odete Semedo, traz para a cena textual um conflito que está indicado em diversas produções literárias de escritores oriundos de países multilíngues porque acentua a importância que o crioulo tem no dia-a-dia dos seus falantes na Guiné-Bissau. (FONSECA, 2011, p. 73).

Odete Semedo faz sua contribuição para a literatura guineense – e para a literatura em língua portuguesa – escrevendo em português, mas também em crioulo, ao mesmo tempo em que tenta também manter viva a tradição da oralidade, do contar de histórias, tradição tão ligada à cultura dos países africanos em geral.

## 5. CONCLUSÃO

Mesmo que haja certa rejeição à língua do colonizador, é inviável produzir literatura apenas nas diversas línguas maternas diferentes na Guiné-Bissau. A língua portuguesa, nesse caso, entra como uma janela para o exterior; é o meio de conseguir alcançar novos horizontes e representar seu próprio país e sua cultura para o mundo.

A língua do dominador passou a idioma oficial do país depois da descolonização, continuando a ser mais prestigiada socialmente, constituindo a língua do ensino escolar, das redações oficiais no campo da legislatura e da representação no exterior. Seu conhecimento pleno estava (e ainda está) reservado praticamente a uma pequena minoria privilegiada que com ela mantém, como em outros países ex-colonizados, uma relação ambivalente e não totalmente desprovida de artificialismo. A língua portuguesa é, apesar de todos os limites, indissociável da vida cultural da Guiné-Bissau, tendo sido considerada por Amílcar Cabral como o melhor legado deixado pelo colonizador. (AUGEL, 2007, p. 166-167).

A língua portuguesa ainda é muito restrita na Guiné-Bissau, mas o uso do português em literatura dos países ex-colônias não é puro e simples, é uma escolha também pensada. É um modo subversivo de usar a língua, mesclando elementos e procurando torná-la mais próxima de sua própria cultura. É uma literatura que se apropria e modifica a língua do colonizador, como um modo de resistência e rebeldia.

Entre as táticas subversivas empregadas por escritores latino-americanos ou africanos, uma das muitas faces da reação contra os tentáculos do neocolonialismo, está a utilização da língua imposta pelo vencedor como forma de expressão, sem obedecer à norma castiça e culta, modificando-a, estética e ideologicamente. A consciência de que os efeitos condicionantes da colonização continuam a corroer a autoestima e a autoconfiança dos ex-colonizados mostra-se através do uso que os escritores fazem do português, abrindo um espaço de expressão contestatória. A introdução de elementos da tradição oral das diferentes culturas, a constante referência a mitos e lendas, à sabedoria ancestral de múltiplas raízes, tudo isso é enunciado por uma desconstrução da linguagem, numa rebelde apropriação. (AUGEL, 2007, p. 168-169).

Não é uma questão de utilizar a língua do colonizador de modo submisso, é utilizar a língua subvertendo-a, pervertendo-a, no sentido mesmo de modificação, e adequando-a a sua própria cultura, mesclando elementos, procurando de alguma forma deixar uma marca de identificação de sua própria nação.



Ao utilizarem transgressivamente a língua oficial, enxertando-a com crioulismos e elementos de outras línguas étnicas, subvertendo a sintaxe e emprestando-lhe um visual próprio, os autores guineenses estão tomando uma postura política de rebelde independência, de clara contestação e de distanciamento anticolonialista, nacionalizando o instrumento herdado, praticando uma “literatura menor”, termo aqui utilizado como o entendem Gilles Deleuze e Félix Guattari (1977): uma produção literária que subverte a língua “maior”, que é a língua do colonizador (e do segmento dominante). O autor ou autora comporta-se como ponta de lança de um proclamar coletivo de autodefinição e autoafirmação. (AUGEL, 2007, p. 173).

A presença da língua crioula na literatura da Guiné-Bissau, e em especial na poesia, chama a atenção e convoca para o debate entre o uso de língua materna e a língua do colonizador. A necessidade de expressar sentimentos que a língua portuguesa não poderia dar conta é o que desencadeia o dilema de alguns escritores guineenses, como podemos ver na poesia de Odete Semedo. *Em que língua escrever?* é o símbolo desse trabalho e seus 30 versos, distribuídos em três estrofes, sintetizam da melhor forma possível toda a discussão aqui proposta.

Odete questiona a validade de escrever em português ao mesmo tempo em que opta por não abrir mão da língua oficial na publicação de seus poemas. Analisando tudo que foi apresentado, a questão da identidade nacional e, principalmente, da multiplicidade étnica e linguística na Guiné-Bissau, se não chegamos a uma resposta definitiva para o debate proposto por Odete no poema *Em que língua escrever?*, chegamos a uma conclusão que é definida pela própria publicação do poema. O crioulo guineense é, para a autora, o melhor meio de expressar seus sentimentos e sua cultura; porém, é o português que torna possível sua literatura sair dos limites da Guiné-Bissau, sendo conhecida em outros países lusófonos, lida e apreciada por muitos.

Não se pode abrir mão de escrever em português, e se houve uma resposta para o título do poema essa seria provavelmente o que a própria autora fez na prática, na forma do poema. *Em que língua escrever?* Em ambas as línguas, o guineense e o português, lado a lado.

## 6. REFERÊNCIAS

AUGEL, M. P. *O desafio do escomburo*. Nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

FONSECA, M. N. S. Em que língua escrever? A língua literária e seus conflitos na literatura da Guiné-Bissau. In: Margarida Calafate Ribeiro; Odete Costa Semedo (Org.). *A Literatura da Guiné-Bissau - Cantando os escritos da história*. 1ª ed. Lisboa: Afrontamento, 2011, p. 71-82.

HOUAISS, A. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. (v.3.0) Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MONTEIRO, J. L. *Influências e domínio de uma língua sobre outra(s)*. Rio de Janeiro: Matruga, v. 17, p. 58-71, 2010.

OLIVEIRA, M. *O Português Brasileiro e as línguas crioulas de base portuguesa*. Memórias, Monterrey, v. I, 2005.

PESSOA, F. *Obra Poética* (Organização, introdução e notas de Maria Aliete Dores Galhoz). Rio de Janeiro: Ed. José Aguilar, 1960, p. 164-165.

PROJECTO GUINÉ-BISSAU CONTRIBUTO.

<<http://www.didinho.org/ODETESEMEDOBIOGRAFIA.htm>>. Acesso em 25/10/2013.

SCANTAMBURLO, L. *Dicionário do guineense-português*. Lisboa: Editora Colibri, v. 2, 1999.

SECCO, C. L. T. R. Coord. *Antologia do Mar na Poesia Africana de Língua Portuguesa do Século XX*. v. 3. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras UFRJ, 1999.

SEMEDO, O. *Entre o Ser e o Amar*. Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas, 1996.

SEMEDO, O. *No fundo do canto*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.